

# PARTE 1

Um Príncipe e uma Bruxa



# 1

Senti todos me olhando, mas já estava acostumado. Se há uma coisa que meu pai sempre me ensinou, desde pequeno, foi a agir como se nada pudesse me atingir. Quando se é especial, como a gente era, as pessoas tendem a notar.

Era o último mês antes do fim do nono ano. O professor substituto estava distribuindo as cédulas de votação para a corte do baile de primavera, algo que eu normalmente acharia patético.

Meu amigo Trey cutucou meu braço.

— Ei, Kyle, seu nome está aí.

— Não brinca.

Quando eu me virei em direção ao Trey, uma garota perto dele (Anna, ou talvez Hannah) olhou para baixo. Hum. Ela estava me olhando.

Examinei a cédula. Meu nome, Kyle Kingsbury, não só estava lá indicado para príncipe do nono ano, como tam-

bém eu com certeza faturaria o posto. Ninguém seria páreo para minha beleza nem para o dinheiro do meu pai.

O professor substituto era outro que ainda tinha a ideia errada de que não iríamos detonar a aula dele como a ralé das escolas públicas, só porque Tuttle era o tipo de escola que tinha bufê de salada na cantina e oferecia aulas de mandarim — ou seja, a escola para onde a grã-finagem de Nova York mandava seus filhos. Errou *feio*. Já que nada do que ele dissesse cairia na prova, a gente estava tentando dar um jeito de gastar os cinquenta minutos da aula lendo a cédula e marcando nossa opção. Pelo menos a maioria de nós estava. O resto enviava mensagens de texto uns para os outros. Vi os que preenchiam suas cédulas me olharem rapidamente. Eu sorri. Alguém deve ter olhado para baixo, tentando parecer tímido ou modesto, como se estivesse envergonhado por ver seu nome lá — mas faz sentido negar o óbvio?

Trey cutucou meu braço de novo.

— Meu nome tá aí também.

Esfreguei meu braço:

— Ei, se liga.

— Se liga você. Você tá com esse sorriso idiota como se já tivesse ganhado e agora estivesse dando aos *paparazzi* a chance de tirar uma foto sua.

— E tem algum problema nisso?

Dei um sorriso maior ainda para provocá-lo e acenei como aquelas pessoas nos desfiles. Um flash disparou exatamente naquele momento, como um ponto de exclamação.

— Você não merece viver — disse Trey.

— Ah, obrigado.

Pensei em votar em Trey, só para ser legal. Ele era ok como coadjuvante, mas não teve muita sorte no quesito aparência. Sua família também não era nada de mais; o pai era médico ou algo assim. Os números da votação poderiam aparecer no jornal da escola e seria bem constrangedor para o Trey se ele ficasse em último lugar ou nem mesmo tivesse votos.

Por outro lado, seria legal se eu tivesse o dobro ou o triplo de votos do segundo colocado. Além disso, Trey me idolatrava. Um amigo de verdade iria querer que eu ganhasse disparado. Esta é outra coisa que meu pai costumava dizer: “Não seja idiota, Kyle, de fazer as coisas por amizade ou amor. Porque, no fim, você sempre acaba descobrindo que a única pessoa que ama você de verdade é você mesmo.”

Eu tinha 7 ou 8 anos quando ele disse aquilo pela primeira vez, e perguntei:

— E você, papai?

— O quê?

— Você ama... — *Seu filho. Eu.* — A gente. Sua família.

Ele me encarou por um bom tempo antes de responder:

— É diferente, Kyle.

Nunca mais perguntei se ele me amava. Sabia que tinha dito a verdade na primeira vez.

Dobrei a cédula para não deixar Trey ver que eu tinha votado em mim mesmo. E, claro, sabia que ele tinha votado em si mesmo também, mas isso era diferente.

Foi quando uma voz veio do fundo da sala.

— Isso é nojentto!

Todos nos viramos.

— Talvez alguém tenha deixado meleca embaixo da carteira dela — sussurrou Trey.

— Foi você? — perguntei.

— Não faço mais isso.

— Nojento — repetiu a voz.

Parei de conversar com Trey e olhei na direção de onde vinha a voz: era de uma gótica esquisita sentada atrás de mim. Ela era gorda, usava aquele tipo de roupa esvoaçante que em geral a gente só vê em bruxas ou terroristas (não usamos uniforme na Tuttle; os pais ficariam irritados por não poder comprar Dolce & Gabbana) e tinha cabelo verde: um sinal claro de que precisava de ajuda. O estranho era que eu nunca tinha reparado nela antes. A maioria das pessoas dali eu conhecia desde sempre.

O substituto era burro demais para ignorá-la.

— O que é nojento, senhorita... senhorita...

— Hilferty — disse ela. — Kendra Hilferty.

— Kendra, há algo de errado com sua carteira?

— Há algo de errado com este mundo. — Ela se levantou, como se estivesse fazendo um discurso. — Há algo muito errado quando, em pleno século XXI, esse tipo de farsa elitista continua sendo perpetuada — disse ela, levantando a cédula.

A risada foi geral.

— É uma votação para o baile do nono ano — arriscou Trey. — Para escolher a realeza.

— Exatamente — continuou a garota. — Quem são essas pessoas? Por que elas deveriam ser tratadas como realeza? Com base... no quê? As pessoas desta cédula foram escolhidas com base em uma coisa e nada mais: beleza física.

— Pra mim, parece uma ótima base — disse eu a Trey, não muito baixo. E me levantei. — Isso é uma idiotice. Todo mundo votou, e essas foram as pessoas que escolheram. É um processo democrático.

Vi ao meu redor alguns sinais de positivo, alguns *é isso aí, cara*, principalmente vindos de Anna, ou Hannah. Mas notei que muita gente, a maioria feia, estava em silêncio.

A garota deu alguns passos na minha direção.

— Elas são um bando de maria-vai-com-as-outras. Voltaram nas assim chamadas pessoas populares porque é mais fácil. A beleza superficial, os cabelos loiros, os olhos azuis — disse ela, olhando pra mim —, é fácil de reconhecer. Ser o mais corajoso, forte ou inteligente é mais difícil de notar.

Aquilo me irritou, então ataquei:

— Se a pessoa for tão inteligente assim, vai descobrir como *ficar* mais bonita. Você pode emagrecer, fazer plástica, até mesmo fazer *peeling* e clarear os dentes — enfatizei o *você* na frase para ela perceber que eu estava me dirigindo a ela, e não a um *você* genérico. — Meu pai trabalha na imprensa. Ele diz que as pessoas não deveriam ter que olhar pra gente feia.

— É o que você acha? — Ela ergueu as sobrancelhas escuras. — Deveríamos todos nos transformar pra sermos como você quer que a gente seja, Kyle Kingsbury?

Tomei um susto ao ouvir meu nome: tinha certeza de que nunca tinha visto aquela menina antes. Mas é claro que ela me conhecia; todos me conheciam. Provavelmente tinha uma quedinha ridícula por mim.

— É — respondi —, é o que eu acho. Acho, não: tenho *certeza*.

Ela veio na minha direção. Seus olhos eram verde-claros e o nariz, comprido e encurvado.

— Então é melhor que nunca fique feio, Kyle. Você é feio agora, por dentro, onde mais importa, e se um dia perder sua beleza, aposto que não será inteligente nem forte o bastante para recuperá-la. Kyle Kingsbury, você é um monstro.

*Monstro.* A palavra vinha de outro tempo e espaço. Lembrou-me dos contos de fadas e senti um formigamento, como se os olhos dela tivessem feito os pelos dos meus braços pegarem fogo. Tentei não pensar naquilo.